

# Considerações sobre as fontes do pensamento linguístico de Anchieta: intertextualidade gramatical

## Considerations on the sources of Anchieta's linguistic thought: grammatical intertextuality

Leonardo Ferreira Kaltner\*

### RESUMO

Consiste o presente estudo em debate sobre a validade do conceito de intertextualidade no âmbito da Historiografia da Linguística (HL), cuja discussão se dá a partir do modelo teórico-metodológico desenvolvido por Pierre Swiggers (2013, 2019). Como objeto de análise o fenômeno a ser observado é o pensamento linguístico de S. José de Anchieta, SJ (1534-1597), pela metalinguagem da *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595). Esse debate metateórico, no campo específico da Gramaticografia, a História da Gramática, se apresenta a partir de uma metodologia de base comparativa, entre a obra de Anchieta em contraste com obras de três outros gramáticos renascentistas, de sua abrangência referencial: Antonio de Nebrija, João de Barros e Jan Van Spauter, latinizado como *Despauterius*. Ademais, apresentamos um modelo para a edição semidiplomática e tradução filológica dos documentos gramaticais analisados.

**Palavras-chave:** Gramaticografia, Linguística Missionária, José de Anchieta.

Recebido em 22 de junho de 2020

Aceito em 9 de setembro de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021n61.466>

\*Universidade Federal Fluminense, [leonardokaltner@id.uff.br](mailto:leonardokaltner@id.uff.br), [orcid.org/0000-0003-3690-3132](https://orcid.org/0000-0003-3690-3132)

## ABSTRACT

The present study consists of a debate on the validity of the concept of intertextuality within the scope of Historiography of Linguistics (HL), whose discussion is based on the theoretical-methodological model developed by Pierre Swiggers (2013, 2019). As an object of analysis, the phenomenon to be observed is the linguistic thought of S. José de Anchieta, SJ (1534-1597), due to the metalanguage of the *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595). This metatheoretical debate, in the specific field of gramaticography, the history of grammar, presents itself from a comparative basis methodology, between Anchieta's work in contrast with works by three other Renaissance grammarians, of his referential scope: Antonio de Nebrija, João de Barros and Jan Van Spauter, Latinized as *Despauterius*. In addition, I present a model for semidiplomatic editing and philological translation of the grammatical documents analyzed.

**Keywords:** Gramaticography, Missionary Linguistics, José de Anchieta.

## Introdução: a Historiografia Linguística e o pensamento linguístico de Anchieta

A Historiografia Linguística (HL) tem, em seu arcabouço teórico, conceitos que colocam em relevo as ‘linhas de desenvolvimento’ do pensamento linguístico, evidenciando as ‘relações com o tempo’ no processo histórico de constituição do conhecimento linguístico (SWIGGERS, 2013; p. 47-48; 2019, p. 59-60). Nesse aspecto, Swiggers (2013, 2019) destaca algumas relações específicas, como ‘fonte’, ‘modelo’, ‘influência’, ‘abrangência referencial’ (fr. *horizon de rétrospection*) e o ‘embate de teorias’ (ing. *theory clash*). A relação com o tempo, na análise pautada por pressupostos da HL pode ser uma das chaves de leitura do pensamento linguístico de São José de Anchieta, SJ (1534-1597), primeiro gramático a produzir uma obra com reflexões metalinguísticas no Brasil, ainda à época colonial.

A *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595), editada em Coimbra, é uma obra que registra a língua de contato no processo de colonização da América portuguesa, o idioma dos Tupinambás, nomenclatura que também adotamos, conforme os estudos de Aryon Rodrigues (2013). A obra foi desenvolvida por Anchieta desde 1554, conforme registros biográficos,

circulando provavelmente como manuscrito, até a sua edição definitiva em 1595, em Portugal, na época em que Anchieta já se encontrava afastado de suas funções como missionário no Brasil, após quatro décadas de atuação com os indígenas na colônia da América portuguesa (ANCHIETA, 1990).

Um debate sobre as fontes do pensamento linguístico de Anchieta, pelo viés interpretativo da HL, é necessário, no sentido de poder revelar a vinculação de sua obra à tradição de sua época e ao seu contexto educacional, o humanismo renascentista cristão em Portugal, nos círculos intelectuais que desenvolveram o Real Colégio das Artes de Coimbra em 1548 (TANNUS, 2007, p.18-19). A época em que Anchieta permaneceu em Coimbra, entre 1548 e 1553, ainda adolescente, entre os 14 e 19 anos, foi complexa, sendo o clima de opinião desse contexto culturalmente multifacetado, em que havia um fomento à formação de círculos intelectuais renascentistas que debatiam o conhecimento linguístico como os humanistas, e se marcava também pela organização gramatical do vernáculo, pelas obras de João de Barros, com a consolidação e o apogeu do império ultramarino português, cuja língua vernácula atuaria como superstrato nas colônias (CAVALIERE, 2001, 2007).

Cumprе salientar, conforme Sebastião Pinho (2000), que há um modelo de educação humanística no Real Colégio das Artes de Coimbra, em 1548, nascido no colégio trilingue de Lovaina, sob inspiração do pensamento de Erasmo de Roterdã. Esse modelo fora desenvolvido, anteriormente, em instituições francesas quinhentistas, como o Colégio Santa Bárbara de Paris e o Colégio de Guiena, na época em que as instituições eram ainda administradas pelo humanista português André de Gouveia, fundador do colégio conimbricense quinhentista. A esse modelo, os lusitanos, à época, deram o nome de *modus parisiensis*, devido ao fato de ter sido implantado por professores franceses e bolsistas portugueses oriundos da França renascentista para atuarem em Portugal.

A influência do pensamento linguístico de Erasmo de Roterdã na educação humanística de Anchieta pode ter se dado através do uso didático da obra *Commentari Grammatici* (Comentários gramaticais, 1537) de

Despautério, que foi inicialmente utilizada no modelo educacional proposto por André de Gouveia, no Colégio de Guiena, conforme o documento *Schola Aquitanica* de 1583, e, provavelmente também adotada no Real Colégio das Artes de Coimbra (NAVARRO, 2000). A gramática latina de Despautério influenciou na educação humanística francesa a tal ponto que os jesuítas franceses continuaram se valendo da obra em sua formação, enquanto a obra de Manuel Álvares a substituiria em Portugal, mas em um período posterior à estadia de Anchieta em Coimbra (BATISTA, 2005; ZWARTJES, 2002). É bem provável que Anchieta tenha tido contato, direto ou indireto, através de Diogo de Teive, com a obra de Despautério em seu curso de Humanidades no Real Colégio das Artes de Coimbra, entre 1548 e 1551.

Em relação ao período em que viveu Anchieta, a ‘abrangência referencial’ de sua época deriva do contexto educacional português humanístico e do processo catequético e missionário no Brasil quinhentista, que teria influência também do Concílio de Trento e do Padroado português. É notável a influência das obras didáticas de João de Barros nesse período histórico, para ensino e aprendizagem da língua portuguesa, assim como as obras de Nebrija, de castelhano e de latim, para os portugueses que foram egressos da Universidade de Salamanca, por exemplo, conforme anota Cristina Altman, o que pode indicar a motivação da gramática anchietana ser escrita em vernáculo, mas possuir metatermos da gramática latina (ALTMAN, 2012, p. 18-19; BATISTA, 2005).

Américo Ramalho, em artigo publicado na *Revista Humanitas* (RAMALHO, 1998) comenta a educação conimbricense de Anchieta. A influência do humanismo renascentista francês no modelo educacional no Real Colégio das Artes de Coimbra, entre 1548 e 1551, é patente:

Não existe um programa dos autores estudados na fase inicial do Colégio das Artes, mas não é difícil imaginar que não diferia muito do expresso na *Schola Aquitanica*, programa de Bordéus, da autoria de André de Gouveia, primeiro principal de Coimbra. Depois de um início, aos seis ou sete anos, com os salmos e as orações da Igreja, e dos elementos da

Gramática Latina, na décima classe, os alunos passavam aos *Disticha Catonis*, aprendidos de cor, na nona classe. (RAMALHO, 1998, p. 719).

Ramalho ainda comenta quais gramáticas poderiam estar na abrangência referencial de Anchieta nesse contexto educacional, sendo o estudo de latinidades vinculado ao aprendizado do latim pela obra de Cícero, inicialmente pelas epístolas familiares, a que se seguia o estudo das obras literárias poéticas:

Da oitava classe em diante, vinha um conjunto de autores, em que predomina Cícero, cujas *Epistulae*, em todas as suas subdivisões, eram minuciosamente analisadas, ao longo de vários anos. Entretanto, a Gramática Latina ia sendo aprofundada: a de Despautério em Bordéus; em Portugal, certas edições aperfeiçoadas de Pastrana, Nebrija, e possivelmente os portugueses Estêvão Cavaleiro, D. Máximo de Sousa e ainda o flamengo Clenardo (RAMALHO, 1998, p. 719).

Não há como afirmar com precisão quais obras gramaticais foram estudadas por Anchieta em Coimbra, apenas a partir de um exame intertextual de sua obra gramatical com outras gramáticas renascentistas podemos evidenciar uma comparação de sua obra com as possíveis fontes renascentistas. Esse exame, porém, precisa levar em conta um *corpus* de gramáticas de tradição latina e latino-portuguesa, como o que foi desenvolvido por Rolf Kemmler, em artigo na *Revista Veredas* (2013), que aponta as principais obras quinhentistas na tradição portuguesa. Cumpre salientar, como nota Zwartjes (2002), que Anchieta pode ter tido contato com obras gramaticais em outros períodos de sua vida, além da estadia em Coimbra, o que poderia trazer para a abrangência referencial de sua gramática a obra de Manuel Álvares, como fonte e modelo, por exemplo. Um estudo que estabeleça um quadro de gramáticas, um *corpus*, para se analisar a intertextualidade com a gramática anchietana se faz necessário, tendo em vista não ser assunto ainda totalmente esgotado.

Navarro (2000) afirma, de forma incisiva, terem sido as obras de Clenardo e de Despautério bem influentes, à época de Anchieta, de maneira que o uso didático da obra de Clenardo no ensino de hebraico e de grego persistiria em Portugal de meados do século XVI até a promulgação da *Ratio Studiorum* em 1599, e mesmo posteriormente. Não podemos ter essa certeza e sermos tão taxativos acerca das fontes de Anchieta, afinal não há documentação que comprove de forma incisiva tal afirmação, apenas podemos indicar, por outro lado, a possibilidade de essas obras estarem na abrangência referencial de Anchieta, o que só pode ser comprovado por um exame mais detalhado em relação à intertextualidade entre as obras.

O principal embate teórico da época da estadia de Anchieta em Coimbra ocorreu entre o humanista André de Gouveia e o teólogo Diogo de Gouveia, iniciando-se como uma disputa teológica, que afetaria o ensino de línguas. Na época de reforma da universidade e de fundação do Real Colégio das Artes de Coimbra, em Portugal, o embate entre humanistas, considerados reformistas, e o Santo Ofício, redundou na instalação da Inquisição por Dom João III, o que faria com que o Colégio das Artes, fundado no espírito humanístico renascentista, em 1548, passasse à administração jesuítica em 1555 (TANNUS, 2007), desenvolvendo-se em Portugal um humanismo renascentista cristão, no contexto de uma reforma católica.

Para se conhecer o ‘clima intelectual’ (KOERNER, 1996) da época da educação de Anchieta, é de fundamental conhecimento a oração de sapiência *De Liberalium Artium Studiis Oratio* (Discurso sobre o estudo das artes liberais) do humanista francês Arnaldo Fabrício, proferida na abertura do ano letivo do Real Colégio das Artes de Coimbra, em 1548 (FABRÍCIO, 2011), tema que tratamos em estudo anterior (KALTNER, 2019). Essa oração de sapiência apresenta o conceito de gramática da época no fomento aos estudos literários e humanísticos, sendo a gramática latina o paradigma para o pensamento linguístico europeu renascentista, que passava a adotar o vernáculo em suas instituições de ensino.

## 1. A educação humanística de Anchieta no Real Colégio das Artes de Coimbra

Em relação ao campo de conceitos da HL que Swiggers define como ‘rumo evolutivo’ do pensamento linguístico (SWIGGERS, 2013, 2019), a época de Anchieta é bem fértil no desenvolvimento da educação linguística em Portugal. As principais mudanças ocorridas são vinculadas ao movimento do Renascimento, havendo a criação de tipografias, tendo sido a primeira construída no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra<sup>1</sup>, em 1530, à época dirigido por Frei Brás de Braga, que fora bolsista na França, no tempo dos Gouveia (TANNUS, 2007). Uma revolução técnica na impressão de livros facultaria a reforma de instituições educacionais e acadêmicas, com novos métodos de aprendizagem circulando no reino absolutista de então, quando os manuscritos medievais e os incunábulo cedem lugar aos livros tipografados. A gramática de Anchieta é um produto da tipografia portuguesa de 1595, cujo tipógrafo foi António de Mariz (ANCHIETA, 1595).

Há uma conversão do modelo de mosteiro para o de universidade renascentista, o que afeta diretamente o pensamento linguístico da época, pela passagem do pensamento medieval para o humanístico, quando novas gramáticas e manuais são adotados, assim como há um maior impacto da obra de Cícero, para o ensino de latim, além da emulação dos poetas clássicos, fomentando inclusive a produção em vernáculo, além do latim, com nítida influência do erasmismo, como corrente cultural (MARTINS, 1973, p. 23-25). Essa passagem é notável, também em Portugal, pela mudança da universidade de Lisboa para Coimbra, no século XVI, demonstrando o interesse de marcar uma mudança de mentalidade, até mesmo pela recepção da arquitetura

---

1 RAMALHO, 1997 p. 216: “O Colégio das Artes não inaugurou os estudos de Humanidades em Coimbra. Antes da sua fundação, os estudos de Humanidades eram ministrados na Faculdade de Letras que funcionava no Mosteiro de Santa Cruz, ainda antes da transferência da Universidade para Coimbra em 1537”.

renascentista, em conjunto com o pensamento linguístico da época. Segundo o historiador José Sebastião Dias:

Segundo nosso modo de ver, a Renascença não é um período da história, mas um movimento da história. Define-se pela exaltação do elemento pessoal e secular na vida e na cultura. Sem renegar, praticamente, a **coexistência de Cristo e de Sócrates**, da felicidade terrestre e das virtudes cristãs, impele, no entanto, o espírito humano para um tipo de pensamento e de ação, desintegrando da moldura eclesiástica, teológica e sacral da Idade Média. E se bem tivesse coabitado demoradamente com os produtos culturais e civilizacionais do milênio anterior, o seu processo interno orientar-se-ia no sentido de os substituir e superar (DIAS, 1969, p.2, grifo nosso).

A reforma educacional e cultural da época de D. João III (DIAS, 1969) é uma das marcas de progresso desse contexto, que afetaria diretamente a educação humanística e cristã de Anchieta na adolescência. A reforma da Universidade de Coimbra, em 1537, e a fundação do Real Colégio das Artes, em 1548, com a contratação de humanistas, os mestres bordaleses, registra a inserção de Portugal em uma rede de renovação científica europeia que se desenvolvia no Renascimento. Nesse período de progresso, devido ao clima intelectual da época, Hélio Viotti (1980), como um dos principais biógrafos recentes de Anchieta, acredita que o irmão mais velho de Anchieta, Pedro Nuñez, teria vindo das Canárias à Coimbra a fim de estudar Cânones, com o renomado teólogo Martín de Azpilcueta. José de Anchieta, ainda adolescente, teria vindo para acompanhar seu irmão mais velho e ingressou no Real Colégio das Artes também em Coimbra.

Antes da reforma educacional de D. João III, houve um período de relativa estagnação do pensamento linguístico, durante o período medieval em Portugal, porém, o período renascentista também marca a fundação do Tribunal do Santo Ofício, no ano de 1536, que analisava processos referentes às heresias de cristãos-novos, às práticas consideradas judaizantes e às ideias teológicas de cunho reformista, sobretudo as que poderiam ser influenciadas



por Lutero e Calvino. Nesse aspecto, o período inicial do Real Colégio das Artes de Coimbra, em que Anchieta lá estudara, entre os anos de 1548 e 1551, é politicamente conturbado, devido ao embate teórico entre humanistas e teólogos, que culminaria com a prisão dos humanistas pelo Santo Ofício. Note-se que esse embate já teria se originado entre Diogo de Gouveia e André de Gouveia na França (DIAS, 1969, p. 46).

José de Anchieta, recém-saído das Canárias, ainda adolescente, observava esse período conturbado, enquanto desenvolvia suas habilidades linguísticas, sobretudo em relação à língua latina. O embate teórico e teológico entre os inquisidores e os humanistas tinha como foco a conservação do catolicismo, em face das inovações renascentistas, e o temor da perda de uma disputa com os reformistas. Há uma rejeição política dos métodos de ensino do *modus parisiensis*, que ficou a tal modo marcado em Portugal, que o nome de Despautério, principal gramático dessa corrente de pensamento, passou a significar na língua portuguesa um ‘disparate’, algo com conotações negativas.

A recorrência do pensamento linguístico derivado do *modus parisiensis* e da metalinguagem adotada em Despautério é notável no período subjacente, quando os jesuítas passam a administrar o Real Colégio das Artes em 1555, e a gramática de Manuel Álvares, construída com uma metalinguagem renascentista, é editada em 1572. Acreditamos que, por Anchieta ter vivido em Coimbra entre 1548 e 1553, a metalinguagem de Despautério tenha influenciado, direta ou indiretamente, o pensamento linguístico, em sua formação humanística, pelo que endossamos, parcialmente, a hipótese de Navarro (2000) sobre a intertextualidade entre a gramática de Anchieta e, ao menos, os *Rudimenta grammatices* de Despautério, o que necessita de maior exame.

Dessa forma, o desenvolvimento intelectual da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil no século XVI marca as continuidades e descontinuidades da reforma educacional de D. João III, havendo o surgimento em Portugal de um humanismo renascentista cristão, de cunho católico, o que seria adotado nas possessões ultramarinas ibéricas. O pensamento linguístico da época

traria como inovação a gramatização das línguas de contato na política missionária e catequética, por todo o globo. Alinhado a esse objetivo de fixação territorial e expansão de domínios, a gramática escrita por Anchieta no Brasil quinhentista, a partir de sua chegada, evidencia uma antecipação do processo que seria direcionado pela *Ratio Studiorum*, em 1599. Ainda que tenha sido publicada em 1595, em Coimbra, a gramática anchietana estava em uso desde 1556, em versão manuscrita, quase duas décadas antes da gramática de Manuel Álvares (ANCHIETA, 1990).

## 2. O latim de Anchieta e abrangência referencial quinhentista

A principal fonte para o pensamento linguístico de Anchieta são suas obras escritas, suas fontes textuais. Para se analisar o pensamento linguístico anchietano, a descrição da metalinguagem de Anchieta é fundamental, o que se dá na investigação sobre sua gramática da língua de contato utilizada no Brasil quinhentista, com fins de catequese na política missionária. Porém, as obras literárias, as epístolas, os sermões, os textos catequéticos e as obras históricas de Anchieta nos servem como fontes indiretas para análise do seu pensamento linguístico.

Podemos analisar o conjunto da obra anchietana (*Monumenta Anchieta*) como um *corpus* linguístico-textual que registra a prática catequética, literária e didática das primeiras décadas da América portuguesa. No contexto do humanismo renascentista cristão, a prática literária era parte fundamental do processo educacional, que não era centrado apenas nos exercícios gramaticais e de reflexões teológicas e filosóficas. A prática literária compunha os exercícios de análise e interpretação de textos e a emulação de autores clássicos era considerado um exercício dos *studia humanitatis*. As obras literárias escritas em latim por Anchieta parecem se enquadrar nesse morfótipo textual. O conceito de morfótipo é derivado do modelo teórico de Swiggers (SWIGGERS, 2013).

Nesse sentido, na educação humanística renascentista, ao estudar um autor clássico, a prática da *emulatio* era considerada um dos exercícios finais dos estudos da área de Letras. Geralmente, o tema das obras emuladas era contemporâneo ao humanista, o que encontramos na obra de Diogo de Teive, autor da obra *Commentarius de rebus a lusitanis in India apud Dium gestis anno salutis nostrae* de 1546, obra que possivelmente influenciou no pensamento linguístico de Anchieta, para a composição do poema *De Gestis Mendi de Saa*, no Brasil quinhentista, publicado em Coimbra em 1563. A composição literária e as obras poéticas possuíam alto grau de prestígio no período renascentista, tendo em vista que as tipografias universitárias se dedicavam a esse tipo de produção intelectual, o que caracteriza o clima de opinião da época.

Ainda quanto ao *corpus* anchietano, sua constituição em diversos volumes, em quatro línguas, é algo digno de relevo, dadas as condições iniciais da América portuguesa, em seu desenvolvimento intelectual, no século XVI. As atividades missionárias se desenvolviam em instituições muito fragilizadas materialmente, com grande escassez de recursos, como o próprio Anchieta descreve em seus relatos. Os *Monumenta Anchieta* foram desenvolvidos *pari passu* com as atividades de catequese, de ensino de línguas e com a prática literária. Dada a sua extensão e uma profícua produção textual, o *corpus* das obras de Anchieta é um trabalho de relevo, no contexto do Brasil quinhentista. Armando Cardoso, que reeditou ao longo do século XX as obras de Anchieta, organizou a obra de Anchieta em 13 volumes, alguns em dois tomos, estando toda a coleção prevista para publicação contabilizada em 17 volumes (KALTNER, 2019).

Uma interpretação pela HL dos *Monumenta Anchieta* se dá pela análise da composição das diversas obras atribuídas a Anchieta no Brasil quinhentista, escritas ao longo de quatro décadas. Tendo em vista que desde a sua partida de Coimbra, em 1553, e chegada em São Salvador, as atividades missionárias de Anchieta sempre estiveram vinculadas à educação humanística e aos *studia humanitatis*, seja na prática literária, na atuação como professor de latim ou como gramático de uma língua de contato, até o ano de 1595, ápice de seu reconhecimento intelectual, com a publicação da gramática em Coimbra.

Nesse aspecto, ao longo de mais de quatro décadas, no Brasil quinhentista, Anchieta produziu textos em diversos registros e gêneros, em contextos diversos da colônia portuguesa, mas sempre vinculado à tradição do humanismo cristão, enquanto missionário jesuíta. Como latinista, as fontes históricas apontam que atuou como professor de latim no Brasil quinhentista (VIOTTI, 1980), enquanto os textos literários, escritos em latim renascentista, nos dão uma ideia de seu nível de proficiência na língua de Roma<sup>2</sup>. Podemos notar que na educação renascentista, inclusive naquela preconizada no Real Colégio das Artes de Coimbra, a produção literária de textos em latim era considerada a última etapa de formação de humanistas. Anchieta se inscreve nessa tradição linguístico-cultural com suas obras, que revelam seu pensamento linguístico aos leitores contemporâneos.

Outro ponto digno de relevo é que a obra de Anchieta não é um ponto isolado no Brasil quinhentista, mas uma parte de um movimento maior, uma cinosura, uma plêiade de outros missionários com formação humanística, intérpretes com atuação empírica (*lingoas*), colonos europeus, aliados indígenas, informantes africanos, que possibilitaram a sua atuação na América portuguesa. Manuel da Nóbrega e Mem de Sá influíram profundamente em sua obra. Outros nomes são menos conhecidos, atualmente, como o do jesuíta Leonardo Nunes e Azpilcueta Navarro, que também desenvolveram o conhecimento linguístico sobre a língua de contato para a catequese indígena.

---

2 Em uma das célebres edições das cartas de Anchieta, organizada por Afrânio Peixoto (1933), há o registro dos títulos das obras do Apóstolo do Brasil em latim por Sotwel. A tradução dos títulos para o latim não significa que todas as obras de Anchieta tenham sido escritas na língua de Roma. Sotwel descreve um léxico da ‘língua brasilica’ como de autoria anchietana. A título de registro, vejamos os títulos atribuídos por Sotwel para o *corpus* anchietano: “1. *Ars grammatica linguae Brasilicae, In Lusitania typus excusa*; 2. *Dictionarium ejusdem linguae brasilicae*; 3. *Doctrina Christiana pleniorque catechismus eadem lingua explicatus*; 4. *Dialogi de Religionis mysteriis scitu dignis*; 5. *Institutio ad interrogandos inter Confessionem paenitentes*; 6. *Syntagma monitorum ad juvandos moribundos*; 7. *Cantines sacrae linguis Latina, Lusitanica, Hispanica et Brasilica*; 8. *Drama ad extirpando Brasilicae vitia*; 9. *Poema de B. Virginis Vita Versu elegiaco quod ad bis mille et octoginta distica excurrit*; 10. *Brasilica Societatis Historia et Vita Clarorum Patrum qui in Brasilia vixerunt*” (ANCHIETA, 1933, p. 31).

A gramatização da língua de contato para a catequese indígena contava com uma cínosura, uma plêiade de missionários e intérpretes do período colonial, não só Anchieta, o que formava o clima de opinião do Brasil quinhentista. Esse tema ainda carece de um estudo mais aprofundado pelos historiógrafos da linguística, já tendo sido largamente analisado por historiadores da Companhia de Jesus, como Serafim Leite (1938). Convém salientar que não apenas os jesuítas atuaram nesse período na América portuguesa, os franciscanos foram os pioneiros, com a chegada de outras ordens religiosas no final do século XVI.

Pelas obras de Anchieta em latim podemos ter uma noção do paradigma humanístico que seguia e servia como modelo para seu pensamento linguístico. As aulas que ministrava em latim, provavelmente, seguiam o padrão das aulas do Real Colégio das Artes de Coimbra, cujo programa de estudos era profundamente influenciado pelo ensino desenvolvido por André de Gouveia em Paris e em Bordeaux, que temos registrado no documento *Schola Aquitanica* de Élie Vinet. Consta que o humanista Diogo de Teive foi um dos professores de Anchieta na instituição (RAMALHO, 1998). O *modus parisiensis* preconizava o uso da gramática de *Despauterius*, e acreditamos que no ensino de latim ao menos os *Rudimenta* da obra *Commentarii Grammatici* (1537) teriam tido essa finalidade didática no Brasil quinhentista, talvez em forma manuscrito, o que carece de uma maior apuração. Para o ensino de língua portuguesa, a obra de João de Barros teria essa função de auxiliar a implantação da língua, como superstrato da colonização na América portuguesa.

Das obras literárias escritas em latim por Anchieta, há o *poema epicum De Gestis Mendi de Saa*, o poema elegíaco *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, o conjunto de poemas menores *De Eucharistia et aliis*, com epigramas e odes. Em relação à prosa se destaca a carta *Epistola quam plurimarum rerum naturalium quae S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem*. A obra novilatina de Anchieta no Brasil quinhentista marca uma continuidade da educação linguística a que teve acesso no Real Colégio das Artes de Coimbra, sendo prováveis frutos das classes de gramática latina

ministradas pelo missionário jesuíta, a partir de um modelo de educação humanística pautada no fomento a uma *respublica litteraria*.

### 3. A intertextualidade da gramática de Anchieta com gramáticas quinhentistas

Para se analisar o pensamento linguístico de Anchieta, através dos pressupostos teórico-metodológicos da HL, o principal objeto de investigação é a metalinguagem empregada em sua gramática quinhentista. A metalinguagem empregada por Anchieta na *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil* (ANCHIETA, 1595) é em grande parte escrita em língua portuguesa, que seria o superstrato no processo de colonização do Brasil quinhentista (CAVALIERE, 2001). Há, porém, na obra metatermos em língua latina, o que denota uma possível intertextualidade com a tradição gramatical latina derivada da educação humanística de Anchieta e dos jesuítas ibéricos, em período anterior à publicação da gramática de Manuel Álvarez, em 1572, e à *Ratio Studiorum* em 1599. Nesse sentido, a intertextualidade<sup>3</sup> do pensamento linguístico com a obra gramatical de João de Barros é patente.

---

3 Acerca do conceito de intertextualidade, elencado por Swiggers (2013), nos fundamentos teórico-metodológicos da HL, em relação ao século XVI, cumpre tecermos breve comentário. Esse é um fenômeno que apresenta uma problemática crítica, dependendo dos critérios de interpretação a serem empregados. Podemos refletir sobre as categorias de intertextualidade, como a citação direta, algo que praticamente não ocorre nos textos quinhentistas, sobretudo na gramática anchietana. Por outro lado, há a citação indireta, que pode se analisar a partir da comparação entre metatermos ou da metalinguagem empregada, o que nos dá uma ideia de que determinada gramática está na abrangência referencial de Anchieta, não sendo possível precisar se a fonte foi utilizada diretamente ou indiretamente por Anchieta. Nesse aspecto, o objetivo da comparação é comprovar que o texto anchietano está situado em um contexto, não sendo possível cotejar suas fontes e modelos para comprovar o uso ou leitura direta das obras, logo o que podemos formular são hipóteses de possíveis modelos e fontes, no campo de sua educação humanística, formando um *corpus* comparativo de gramáticas em sua abrangência referencial. Não é intuito do trabalho confirmar fontes e modelos, antes sugerir quais obras teriam tido influência no pensamento linguístico de Anchieta.

O terceiro campo de conceitos, elencado por Swiggers (2013, 2019), para a análise da HL, pressupõe a investigação sobre a metalinguagem, analisando: ‘conteúdos, formatos e estratégias’, na organização do pensamento linguístico. Nesse aspecto descritivo, o primeiro conceito é referente à ‘rotulagem’ (*labeling*), i.e., ao uso de rótulos que caracterizam a metalinguagem. Acreditamos que a ‘rotulagem’ utilizada por Anchieta se concentre nos títulos dados aos capítulos da gramática, que são rótulos utilizados na descrição e gramatização da língua de contato dos colonizadores europeus com os indígenas.

Há dezesseis capítulos na gramática (ANCHIETA, 1595), sendo cada um deles intitulado por um ‘rótulo’, que é um metatermo com a função de agrupar os dados referentes aos tópicos e categorias de descrição da língua de contato. A sequência de capítulos pode ser dividida em três grandes blocos temáticos: um sobre a ‘pronúncia’, relacionados ao que, atualmente, nomeamos fonética, com os três primeiros capítulos (*Das Letras. Cap. I, Da Orthographia ou pronúnciação. Cap. II, De Accentu. Cap. III*). O segundo bloco temático é relativo à ‘formação, composição e conjugação’, que apresenta aspectos morfológicos, já introduzindo assuntos sobre a ‘construção’, que é a sintaxe, logo é um bloco com aspectos morfossintáticos, de nomes, verbos e pronomes, sobretudo. O segundo bloco temático contém quatro capítulos (*Dos Nomes. Cap. IIII, Dos Pronomes. Cap. V, Dos Verbos. Cap. VI, Anotações, na conjugação. Cap. VII*).

O terceiro e último bloco temático é o mais extenso, e tem como tema central a ‘construção’, a sintaxe, ainda vinculada à descrição morfológica. Conta com nove capítulos, cujos rótulos, ou títulos, se vinculam à construção frasal: *Da construção dos verbos activos. Cap. VIII, Dalgũas maneiras de verbos em que esta amphibologia se tira. Cap. IX, Das Praeposições. Cap. X, De sum, es, fui. Cap. XI* (numerado II, por suposto erro do tipógrafo), *Dos verbos neutros feitos activos. Cap. XII, Dos Activos feitos neutros. Cap. XIII, Da Composição dos verbos. Cap. XIII, Da Repetição dos verbos. Cap. XV, De algũs verbos irregulares de Aê. Cap. XVI*.

A sequência de capítulos e de temas é muito próxima à rotulagem empregada por João de Barros em sua *Grammatica da lingua portuguesa*<sup>4</sup>, de 1540, o que nos leva a crer que Anchieta era conhecedor da gramática, seja por sua estadia no Real Colégio das Artes de Coimbra, seja por ter acesso a um exemplar no Brasil quinhentista enquanto redigia sua gramática, a partir de 1554. A metalinguagem de Anchieta é afetada pelo superstrato da língua portuguesa quinhentista, porém, a descrição de conteúdos da língua de contato indígena é cotejada também com a metalinguagem gramatical latina, de forma próxima também ao que ocorre com João de Barros, que utiliza metatermos latinos, como ‘declinação’, por exemplo, para descrever a língua portuguesa.

Em relação aos metatermos latinos e ao aprendizado de latim por Anchieta, é bem provável que tenha tido acesso às obras de Antonio de Nebrija, como as *Introductiones Latinae*, ainda nas Ilhas Canárias, antes de sua estadia em Coimbra. O biógrafo Viotti cita o fato de que Anchieta poderia ter tido seus primeiros estudos em um colégio dominicano próximo à sua residência (VIOTTI, 1980). Sendo as Ilhas Canárias possessão da coroa de Castela, não é de admirar que as inovações gramaticais da época do Renascimento tenham chegado ao arquipélago.

As gramáticas de Nebrija, tanto as *Introductiones Latinae* (1481) quanto a *Gramática de la lengua castellana* (1492), apresentam os tempos e modos verbais latinos em uma estrutura muito próxima daquela empregada na metalinguagem da gramática de Anchieta. Vejamos como exemplo a transcrição de um excerto do primeiro capítulo da obra anchietana, que

---

4 Os capítulos principais da gramática de João de Barros possuem os seguintes rótulos, ou títulos: Da Letera, Da Syllaba, Do Nome, Do Pronome e seus acidentes, Do Verbo, Do Averbio, Da Preposição, Da Interieçam, Da Construiçam das partes, Das Figuras, Da Orthografia e Diálogo em louvor de nossa linguagem (BARROS, 1540). Note-se que Anchieta também compôs diálogos que acompanhavam a sua gramática, como atestam as licenças dos inquisidores no início da obra (ANCHIETA, 1595) e os manuscritos com diálogos em língua indígena, sobre temas da catequese e a doutrina cristã em língua brasileira, reeditados por Armando Cardoso (ANCHIETA, 1990).



trata do uso do alfabeto latino para a transcrição do idioma dos Tupinambás. Notemos que Anchieta cita, no excerto, os seguintes tempos e modos verbais: futuro do indicativo, optativo e os tempos derivados do pretérito imperfeito do conjuntivo, da língua de contato. São tempos verbais compostos a que se acrescem desinências, havendo a epêntese da vogal /i/ para desfazer encontros consonantais, segundo Anchieta:

Acrecentandofê algũa particula depois da vltima confoante, em que fê acaba o verbo, o qual fê faz no futuro, do Indicatiuo, no Optatiuo, nos Prêteritos imperfeitos do Cõniunctivo; ha algũa differença na pronunciação, & o vso de diuerfas partes do Brafil fêra o melhor mestre (ANCHIETA, 1595, p. 1-1v).

(Acrescentando-se alguma partícula depois da última consoante, em que se acaba o verbo, o qual se faz no futuro do indicativo, no optativo, nos pretéritos imperfeitos do conjuntivo, há alguma diferença na pronúncia, e o uso de diversas partes do Brasil será o melhor mestre).

A título de comparação, apresentamos um excerto da gramática latina de Nebrija, em edição quinhentista, que trata no terceiro livro sobre os verbos. Note-se que a única diferença de nomenclatura adotada para os modos verbais é a utilização do metatermo conjuntivo por Anchieta, enquanto Nebrija se vale do metatermo subjuntivo, ao descrever os modos: *Modi verborum quot sunt? Quinque. Indicativus, imperatiuus, optatiuus, subiunctiuus, infinitiuus* (Quantos são os modos dos verbos? Cinco. Indicativo, imperativo, optativo e infinitivo) (NEBRIJA, 1541, p 56v). Esse é apenas um dentre os fenômenos que podem ser observados na comparação entre as gramáticas.

A metalinguagem utilizada por Anchieta em sua gramática pode ser analisada em relação ao formato de sua descrição da língua de contato, a partir da análise dos conceitos empregados e dos princípios teóricos de que se vale. A técnica e o estilo de descrição, na metalinguagem de Anchieta, que utiliza conceitos derivados de gramáticas vernaculares e da gramática latina, são fenômenos observáveis a partir de uma exegese dos metatermos empregados

no decorrer da própria gramática. Dessa forma, os principais metatermos, com valor teórico, os termos T-teoréticos (SWIGGERS, 2013,2019), identificados na obra são os fenômenos observáveis na metalinguagem anchietana que podem permitir uma análise sobre a intertextualidade da gramática de Anchieta com outras gramáticas latinas da época quinhentista, como, por exemplo, os *Commentarii Grammatici* (Comentários gramaticais, 1537) de *Despauterius*.

Um termo T-teorético sutil, quase imperceptível na gramaticografia como tal, que há na gramática de Anchieta é o substantivo próprio ‘Pedro’ e sua variante latina *Petrus*. Utilizado nos exemplos frasais ao longo da gramática, marca o uso da terceira pessoa do singular em sentenças que possam ter uma pessoa, um ser humano, em sua estruturação semântica, seja como sujeito ou parte do predicado. A reincidência do termo leva o leitor a se questionar que o uso de Pedro/*Petrus* pode denotar algo além de uma escolha aleatória por Anchieta. Contabilizamos o uso do termo em 139 ocasiões ao longo da gramática, sendo o nome próprio mais recorrente, ocorrendo poucos exemplos com outros nomes próprios, como João (*Johannes*). Logo, acreditamos ser a seleção desse nome próprio (Pedro/*Petrus*) parte da técnica descritiva na metalinguagem empregada por Anchieta.

O uso de João e Pedro é recorrente na tradição gramatical latina, para a exemplificação e a descrição linguística, desde o período medieval, época da gramática especulativa e dos modistas. À primeira vista, parece ser influência da teologia cristã o uso dos nomes próprios dos apóstolos seguidores de Cristo. O *Tractatus de modis significandi seu grammatica speculativa*, escrito no século XIV por Tomás de Erfurt, modista, apresenta exemplos com os pares *Petrus* e *Ioannes*, recentemente o texto foi traduzido no Brasil por Alessandro Beccari:

107 Constructio transitiva personarum. Item constructio transitiva personarum dividitur in quattuor species, secundum quadruplicem diversitatem constructibilis terminantis; quia vel est genitivi casus, ut dicendo, filius Socratis; vel dativi, ut similis Socrati; vel accusativi, ut

*Petrus albus percutit pedem*; vel ablativi, ut celer pedibus, id est, velox (BECCARI, 2019, p. 370, grifo nosso).

107 A construção transitiva de pessoas. A construção transitiva de pessoas também divide-se em quatro espécies, de acordo com os quatro diferentes tipos de construtível de determinante: ou será de caso genitivo, como quando se diz filius Socratis (filho de Sócrates); ou de dativo, como similis Socrati (semelhante a Sócrates); ou de acusativo, como Petrus albus percutit pedem (O pálido Pedro bate no pé); ou de ablativo, como celer pedibus (rápido com os pés), i.e., velox (veloz) (Tradução de Alessandro Beccari, BECCARI, 2019 p. 317).

Na gramática anchietana, os exemplos com os nomes próprios *Petrus* e *Johannes* são dados em latim e no idioma dos Tupinambás, servindo como paradigma para a descrição de construções frasais. Ao consultarmos as gramáticas latinas que estão na abrangência referencial de Anchieta, encontramos na obra de *Despauterius* uma técnica de descrição semelhante, derivada do mesmo contexto educacional. com o uso do *nomen Petrus* nos diversos exemplos sintáticos ao longo da gramática latina quinhentista, como o uso secundário de *Johannes* também (DESPAUTERIUS, 1537). Nesse aspecto, há uma possível intertextualidade entre os textos.

A fim de corroborar essa hipótese, que é uma possível intertextualidade entre a gramática de *Despauterius* e a de Anchieta, vejamos um exemplo de descrição e do uso da metalinguagem em ambas as gramáticas, em que é apresentado o termo T-teorético Pedro/*Petrus*, como possível vínculo comparativo. Assim como em outros exemplos, optamos por uma transcrição semidiplomática (BASSETTO, 2013), para os excertos, a fim de facilitar a tarefa de leitura do original, que está disponível em versão facsimilada, de fácil acesso nos meios virtuais. Para a exegese, propomos uma tradução filológica dos excertos da gramática anchietana e da gramática de *Despauterius*, atualizando a grafia no caso do vernáculo.

Na gramática de Anchieta, no segundo capítulo, sobre a ortografia e pronúncia da língua de contato, temos a descrição da alternância consonantal

entre os grupos consonantais /p/, /m/ e /mb/. Ao citar um exemplo, com os substantivos *mbó* (mão) e *mbaê* (coisa), Anchieta demonstra que *mbó* pode passar a *mó* ou *pó*, em determinadas situações, enquanto *mbaê* é substantivo (*nomen*, dição) invariável. Para apresentar um exemplo frasal, Anchieta se vale do genitivo latino *Petri* (de Pedro), a fim de demonstrar o fenômeno linguístico observado:

P. M. mb. Muitas vezes fe vsão hũa por outra, desta maneira, q̃ as dições in principio tomadas absolute fe pronunção com m. vel, mb vt *Mó*, vel *mbó*, *Manus*. Praecedente o genitiuo, ou adiectiuo mudafe em P. vt *Pedro pó*, ***Petri manus Xépò***, *mea manus*. Excipe, *mbaê*, que nunca fe muda, vt *xémbaê*, *mea res Pedro mbaê*, ***Petri res*** (ANCHIETA, 1595, p. 2v, grifo nosso)

(P, m, mb. Muitas vezes se usam uma pela outra, desta maneira, que as dições no início, tomadas, absolutamente, se pronunciam com m, ou mb, como *Mó*, *mbó*, mão. Precedendo o genitivo, ou adjetivo, se tranforma em p, como *Pedro pó*, *Petri manus* – a mão de Pedro –; *Xépò*, *mea manus* – a minha mão. Excetuando-se *mbaê*, que nunca se altera, como *xémbaê*, *mea res* – minha coisa – *Pedro mbaê*, *Petri res* – coisa de Pedro).

O que nos chama a atenção, na metalinguagem de Anchieta, é a presença de exemplos em língua latina: *Petri manus* (a mão de Pedro) e *Petri res* (coisa de Pedro), exemplos que realçam o genitivo *Petri* (de Pedro). Encontramos uma descrição e exemplo de genitivo de maneira muito semelhante nos *Rudimenta* (Rudimentos) da gramática de *Despauterius*. Ao ser descrito o uso do nos *Commentarii Grammatici* (1537), ocorre a forma *Petri* (de Pedro), como modo de exemplificar a sintaxe do genitivo em língua latina. Vejamos o excerto. Apresentamos uma transcrição semidiplomática do excerto da gramática latina de *Despauterius*, seguida de tradução filológica, a fim de facilitar a exegese e a interpretação:

*Liber Petri est oratio congrua? Etiam. Quare? Quia quoties duo nomina substantiva ad diversa pertinentia, sine coniunctione conveniunt, alterum*

*erit genitivi casus. Declara. Liber magistri, sunt eiusmodi nomina: et magistri, est genitivi casus.* (DESPAUTERIUS, 1537, p. 9, grifo nosso)

(‘O livro de Pedro’ é uma oração congruente? Sim. Por quê? Porque frequentemente, se dois nomes substantivos que pertencem a classes diversas se agrupam sem conjunção, um deles estará no caso genitivo. Comprova. ‘O livro do professor’, são desse modo dois nomes: e do professor está no caso genitivo).

*O liber Petri de Despauterius* e o *Petri manus e Petri res* de Anchieta são técnicas descritivas de exemplificação muito próximas, para o uso do genitivo, o que pode favorecer a uma análise da intertextualidade entre as obras. Cabe ainda analisar a intertextualidade em outros capítulos da gramática anchietana e em relação a outras gramáticas latinas, de sua abrangência referencial, como Estevão Cavaleiro, Clenardo, Pastrana e mesmo a obra de Manuel Álvares. O fato de encontrarmos elementos para a comparação entre as gramáticas permite uma exegese do pensamento linguístico de Anchieta, ao evidenciar a sua abrangência referencial.

## Conclusão

Entre as tarefas do historiógrafo da linguística, está também, conforme Swiggers (2013, 2019), a descrição e análise das estratégias de organização do pensamento linguístico e da metalinguagem empregada nas obras, que são objeto de investigação. Os conceitos referentes a esse campo de análise, relacionados ao deslocamento, à transposição, à negociação e ao empréstimo (*bargaining*) de conceitos se tornam evidentes e demonstráveis quando analisados sob o viés da intertextualidade entre obras gramaticais, como as gramáticas de Nebrija, de João de Barros, de *Despauterius*, por exemplo, com a comparação dos metatermos empregados por Anchieta.

Dessa forma, o empréstimo de teorias e modelos de descrição, a adaptação de gramáticas vernaculares e da gramática latina para a descrição do idioma dos Tupinambás, a recontextualização de metatermos são estratégias

de Anchieta para a gramatização da língua de contato da América portuguesa quinhentista. Há uma promoção da gramática latina, no uso de metatermos latinos, pelo missionário jesuíta, que busca vincular a língua de contato descrita à prática educacional humanística renascentista. Nesse aspecto, a análise do fenômeno da intertextualidade nos auxilia a descrever o pensamento linguístico de Anchieta como integrante da tradição gramatical renascentista.

A fim de que se desenvolvam mais estudos sobre o pensamento linguístico de Anchieta há a necessidade de se delimitar um *corpus* de gramáticas vernaculares e latinas quinhentistas, para aferir a intertextualidade com sua obra gramatical. Nesse aspecto, cumpre salientar que os estudos de sua biografia e de sua abrangência referencial podem nos revelar as possíveis fontes e modelos gramaticais a que teve acesso, direta ou indiretamente. Os estudos comparativos não são conclusivos em relação às fontes de Anchieta, mas auxiliam na exegese do texto, comprovando que a gramática anchietana se insere na tradição gramatical renascentista de que derivou como produto cultural e acadêmico.

## Referências

ALTMAN, Cristina et al. **Historiografia da Linguística**. Organizado por Ronaldo Batista. São Paulo: Contexto, 2019.

ALTMAN, Cristina. As partes da oração na tradição gramatical do Tupinambá/Nheengatu. **Limite: Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía**, Extremadura, Universidad de Extremadura, n. 6, p. 11-51, 2006.

ANCHIETA, José de. **Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil**. Coimbra: António de Mariz, 1595.

ANCHIETA, José de. **Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. Introdução, estabelecimento de texto e notas de Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1990.

ANCHIETA, José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, SJ (1554-1594)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**. São Paulo: EdUsp, 2013.

BATISTA, Ronaldo. Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, PUC-SP, n. 21 (1), p. 121-147, 2005.

BECCARI, Alessandro Jocelito. **Tratado sobre os modos de significar ou Gramática especulativa, de Tomás de Erfurt**. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

CAVALIERE, Ricardo. Anchieta e a língua falada no Brasil do século XVI. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, Faculdade de Filosofia de Braga, n. 5 (1), p.11-21, 2001.

CAVALIERE, Ricardo. Contato linguístico no primeiro século da Colônia. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, Faculdade de Filosofia de Braga, n. 11 (1), p. 285-306, 2007.

DESPAUTERIUS, Johannes. **Commentarii Grammatici**. Parisiis: Ex officina Roberti Stephani, 1537.

DIAS, José Sebastião. **A política cultural da época de D. João III. Volume 1**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969.

FABRÍCIO, Arnaldo et al. **Orações de sapiência: 1548-1555**. Coimbra: Imprensa da Universidade, prefácio de Sebastião Tavares Pinho, 2011.

KALTNER, Leonardo Ferreira. **Brasil e Renascença**. Curitiba: Appris, 2011.

KALTNER, Leonardo Ferreira. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). **Confluência**, Rio de Janeiro, Liceu Literário Português, n. 56, p. 197-216, 2019.

KOERNER, E. F. Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. **Revista da ANPOLL**. Florianópolis: ANPOLL, trad. Cristina Altman, n. 2, p. 45-70, 1996.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta. In: PINHO, Sebastião Tavares de et alii. **Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra - Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)**. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, p. 385-406, 2000.

MARTINS, José Vaz de Pina. **Humanismo e erasmismo na cultura do século XVI**. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

NEBRIJA, Anonio de. **Introductiones latinae nuper emendatae cum luculentissimus commentariis**. Lyon: Jacques Giunta, 1541.

PINHO, Sebastião Tavares & FERREIRA, Luísa de Nazaré (org.). **Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio da Universidade (1548-1998)**. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 3 v., 2000.

RAMALHO, Américo da Costa. José de Anchieta em Coimbra. **Humanitas**, Coimbra, Universidade de Coimbra, n. 49, p. 215-225, 1997.

RAMALHO, Américo da Costa. A formação conimbricense de Anchieta. **Humanitas**, n. 50, p. 709-720, 1998.

RODRIGUES, Aryon. Argumento e predicado em Tupinambá. **Revista Brasileira De Linguística Antropológica**. Brasília: UnB, n. 3(1), 93-102, 2013.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 44/45, p. 39-59, 2013.



SWIGGERS, Pierre. Historiografia da linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: BATISTA, Ronaldo (org.) et al. **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, p. 45-80, 2019.

TANNUS, Carlos A. K. Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal. **Revista Calíope**. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 16, p.13-31, 2007.

VIOTTI, Hélio Abranches. **Anchieta, o apóstolo do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1980.

ZWARTJES, Otto. The description of the indigenous languages of Portuguese America by the jesuits during the colonial period: the impact of the latin grammar of Manuel Álvares. **Historiographia Linguistica**, Amsterdam, John Benjamins, n. XXIX (1/2), p. 19-70, 2002.